

O ENSINO DOS ESPAÇOS GEOGRÁFICOS E FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

Ana Clara Viana Correia¹ⁱ
Ozianne Pinheiro de Sousa²

RESUMO

Historicamente, o ensino da geografia foi por muito tempo apenas descritivo, ao ponto de questionarem sua utilidade, porém na contemporaneidade ela é vista como formadora de cidadãos, pois ao ensinar sobre as sociedades e espaços ao seu redor, gera nos alunos o sentimento de pertencimento, e tais características se encontram de forma fundamental no ensino dos espaços geográficos, sendo indicados por autores como (RODRIGUES, 2000) e (CALLAI, 2010) e também pela própria Base Nacional Comum Curricular -BNCC- que estimula um estudo significativo que parte das vivências das crianças, ou seja, que os estudos dos ambientes, se iniciem em suas casas e bairros e cidades. O referido trabalho traz como uma grande aliada para esse processo, a fotografia, não como enfeite nos livros, mas como ferramenta didática, uma vez sendo de extrema importância que os discentes participem de uma alfabetização visual, por nascerem em um contexto social onde a imagem está em todos os lugares e em suas relações se faz necessário que as vejam de forma crítica e reflexiva, fazendo assim essa interdisciplinaridade. O presente artigo é de cunho bibliográfico e qualitativo, tendo nascido de debates na sala de aula da disciplina de “Geografia: conteúdos e metodologias” do curso de pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão.

Palavras-chave: Espaços Geográficos, Fotografia, Ferramenta didática.

INTRODUÇÃO

As crianças desde de sua mais tenra idade, estão inseridas em espaços (casa, bairro, cidade etc), que com o tempo são transformados pelos fenômenos da natureza e pelas ações humanas, e apesar de a habilidade de reconhecer e pensar de forma crítica acerca dessas mudanças, serem complexas começam a ser apresentadas na educação infantil por um dos campos de experiência que a Base Nacional Comum Curricular, - BNCC - traz que é “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” e busca essa relação durante toda a formação destes indivíduos.

Segundo Rodrigues (2000), o ensino da geografia foi por muito tempo apenas descritivo, acerca de aspectos físicos, o que viria a ser o motivo de questionamento sobre a utilidade desse campo de conhecimento. Porém ele é de extrema importância para que o aluno

¹ Graduando do Curso de pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL, anacorreia.20200001257@uemasul.edu.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0671-3744>.

² Professor orientador: Ozianne Pinheiro de Souza, Especialista, Faculdade Ciências - UF, ozianne.souza@uemasule.edu.br.

se perceba no mundo, e se veja como cidadão, de acordo com Callai (2010), o ensino dos espaços, deve ser dado de tal maneira que o estudante, se veja não apenas alguém que está nesse território, mas também como um agente de transformação. Esses pontos levantam uma questão, como ensinar os espaços geográficos, sem cair no erro de ser somente descritivo?

E é nesse impasse que a alfabetização visual, que conforme Campanholi (2014) é o uso da fotografia como ferramenta didática na sala de aula, se torna uma ferramenta valiosa, pois além de a foto ser um meio de veracidade dos fatos, os alunos podem ser sujeitos da construção do seu conhecimento, se conduzidos a pesquisar em seus registros familiares, jornais, bibliotecas e fazerem suas próprias assinaturas do ambiente onde vivem. A pesquisa se apoia em estudo bibliográfico e qualitativo, que é a pesquisa a partir de estudos já produzidos, com o objetivo de trazer à tona o tema para a sala de aula da turma de pedagogia do quinto período da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL – pois o interesse desta pesquisa também nasceu nesse espaço, contribuindo assim, para formação desses futuros professores.

METODOLOGIA

Está presente pesquisa tem caráter bibliográfico, e foi embasada pelos pensamentos de autores como Rodrigues (2000), Callai (2010), Campanholi (2014) entre outros, tendo em vista que este artigo foi produzido a partir de leituras de livros e alguns debates realizados em sala de aula, pelo quinto período de Pedagogia, em conjunto com professora orientadora, Ozianne Pinheiro de Sousa na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

O ENSINO DOS ESPAÇOS GEOGRAFICOS

O ensino da geografia desde o seu berço é uma grande aliada para a fundamentação nacional e política, sendo importante para a formação de identidade e cidadania. Segundo Rodrigues (2000) esse componente curricular surgiu na Alemanha no século XIX, como uma relevante ferramenta para construção da base da união nacional, tendo também um papel ideológico que fortalecia o sentimento patriótico do país, porém muitas vezes perdia sua utilidade, (RODRIGUES, p. 2, 2000) continua que:

[...] esse ensino era, em grande parte, de cunho político-militar e pretendia auxiliar na construção da idéia de pátria e convencer a sociedade que a Geografia era um conhecimento neutro, o que criava a idéia de inutilidade deste ensino para a sociedade em geral.

Já no século XX, ela perdeu sua característica política, sendo questionada pelos os universitários, uma vez que, se indagavam sobre a necessidade desse componente curricular estar nas escolas, pois era ensinado apenas uma geografia descritiva, que é ensino dos aspectos físicos, tendo uso apenas para fins militares. No entanto, seu significado vai além da exposição do meio, de acordo com (LACOSTE, p. 256, 1988, apud. RODRIGUES, p. 6, 2000):

[...] o saber-pensar o espaço pode ser uma ferramenta para cada cidadão, não somente um meio de compreender melhor o mundo e seus conflitos, mas também a situação local na qual se encontra cada um de nós.

Visto que o professor precisa educar o aluno para ler o mundo ao seu redor, formando alguém capaz de fazer leituras críticas e reflexivas da sua realidade. Em concordância com Callai (2010), se ensina geografia para que o aluno conheça e obtenha informações do universo que o circunda, que entenda que os espaços são produzidos e modificados pelas ações humanas, para que assim se constitua um cidadão. E essa educação não pode ser fragmentada, ou distante do educando, Paulo Freire discorre em seu livro “Pedagogia do Oprimido” que os conceitos precisam parte do ambiente do aluno, pois é uma pedagogia dele, e não para ele, ou seja, o ensino deve parte do lugar que ele vive, para que se perceba como agente do espaço que se estuda (CALLAI, 2010).

Um dos campos de experiências da BNCC, na educação infantil, é o “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, que entra no estudo dos espaços geográficos, pois as crianças desde de pequenas estão explorando os ambientes, sendo de grande significância, pois apesar de o conhecimento espacial ser amplo e complexo, elas precisam aprender a descobrir esses padrões, partindo da sua casa, bairro, cidade, estado para o mundo, não por causa de uma hierarquia, mas para que como já dito, ela se identifique como cidadã.

Levando isso em consideração, o discente precisa, fazer eleições do que estudar, que segundo (CALLAI, p. 7, 2010) “não pode ser limite de fronteiras (do país). Pelo contrário, o critério deve estar referido ao tipo de fenômeno”. Partindo de uma referência, de um problema, de uma curiosidade, para que os alunos construam esse conhecimento, para que não seja apenas uma aula expositiva com o livro didático, e por que fazer assim se os alunos podem explorar e viver por si mesmos os espaços e suas mudanças?

Ao ensinar os espaços geográficos a partir de sua casa, o professor tem vários instrumentos didáticos, pois as crianças elas vivem com adultos que viram as mudanças da cidade acontecendo, que tem fotos antigas, que têm histórias para contar, fazendo da construção deles não apenas de pesquisa de campo, mas também humana, gerando a participação familiar nesse processo. Estando assim embasado com a BNCC, pois de acordo com este documento:



As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas (BRASIL, 2018).

Desse modo, irar ser construído um ambiente estimulador, onde as crianças e adolescentes sejam criadores do seu próprio conhecimento. O Educador inclusive pode levá-los para esses lugares que foram modificados pelo homem e assim eles percebam as diferenças, e criem seus próprios saberes, dado que (GOULART, p. 130, 2020):

A crença que perpassa toda a obra de Piaget é de que cada pessoa constrói ativamente seu modelo de mundo a partir da interação de suas condições maturacionais com o ambiente que a rodeia.

Isto significa, que é necessário esse contato para que o aluno seja autônomo em sua composição de saberes, e uma das formas de estudar os espaços e suas mudanças de forma que eles se vejam nesses ambientes, e não só eles, mas juntamente com os seus parentes, é usar a fotografia como meio didático, para visualização dessas transições que a sociedade realiza no ambiente, conforme indicado pela BNCC.

1. FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA

A primeira fotografia foi feita entre os anos de 1824 e 1827 por francês Joseph Nicéphore Niépce, desde então a tecnologia só avançou, atualmente qualquer aparelho celular podem registrar momentos com fotos, a mesma é considerada um documento histórico, desse modo (CAMPANHOLI, p.4, 2014) esclarece que:

Desde sua criação a fotografia carrega consigo a responsabilidade da veracidade incontestável do evento nela registrado, a imagem recebe esta credibilidade pois possibilita registrar partes selecionadas do "mundo real".

Isso ocorre pois ela mostra conforme aconteceu, trazendo a memória daqueles que estavam presentes nos fatos, e contato para os que não se encontravam o que aconteceu, esta realidade é muito presente nas famílias ao mostrar os álbuns de foto do casamento, da maternidade etc, as pessoas costumam guardar momentos preciosos em fotografias, sendo um meio de lembrar e contar história. De acordo com (CAMPANHOLI, p.5, 2014):

Entre diversas importantes e significativas manifestações da memória que surgiram no decorrer dos tempos um dos principais fenômenos se dá com o advento da fotografia, visto que, a fotografia, que revoluciona a memória [...].

Pois os acontecimentos poderiam ser contados com imagens mesmo para aqueles que ainda não tinha nascido, apesar de sua importância científica, ela também é uma expressão artística, sendo sugerida pela BNCC, que seja trabalhado em sala, pois a criança deve

experimentar diversos tipos de linguagem, e a imagem é uma delas, conforme o (BRASIL, p.51, 2018), um dos objetivos de conhecimento das crianças entre 4 e 5 anos é:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

Elas precisam aprender não apenas a ver o mundo pela foto, além disso, poder se comunicar por meio dela, compreendendo seus contextos, visto que, elas são parte da geração z, que nasceu com a tecnologia, é necessário que saibam fazer leituras sobre estas fotografias, segundo o (G1, 2015), 80 milhões de fotos são publicadas todos os dias no *Instagram*, (ARANA, KASHIWAGI, p. 4, 2016) complementa que:

Atualmente o homem nos centros urbanos é exposto a um grande volume de imagens que estimulam a sua percepção visual numa velocidade enorme. Não percebendo detalhes, acontecimentos que são retratados por essas imagens.

Fazendo-se importante a realização de uma alfabetização visual, para que assim, seja enriquecedora para os desenvolvimentos dos alunos, utilizando a foto como um meio de aprendizagem e não apenas um enfeite no livro didático. Desta maneira (ARANA, KASHIWAGI, p. 6, 2016):

O comum, por hora, é encontrar fotografias sendo utilizadas em pesquisas históricas e livros didáticos como mera ilustração ou legitimadora do texto escrito, resultando num afastamento de sua conotação histórica e didática

Como pode ser visto na imagem 1, o objetivo não é dizer que o livro está errado. Mas pode ir além disso, usando-as em contextos de problematização, já que as imagens podem refletir aspectos da realidade, falar de como aquela sociedade se comportava, quais eram os seus interesses, assim o professor pode utilizar esse equipamento para estudo dos espaços geográficos, tanto como uma pesquisa que faz um resgate do passado, como na construção do saber, pois os alunos podem refazer as fotos nesses ambientes que elas vêm nas fotos antigas de sua cidade, e observar suas mudanças, e expor suas memórias.

Imagem 1: Livro de didático dos anos finais

O número máximo de vereadores do município é definido pela Câmara Municipal, respeitando os limites estabelecidos no Art. 152, inciso VI e seguintes, da Constituição do Estado do Maranhão, que relaciona o número de vagas à quantidade de habitantes que o município possui.

Portanto, cidades com uma população entre 160 mil e 300 mil habitantes, podem ter até 21 (vinte e um) vereadores. Este é o caso de Imperatriz. O Presidente da Câmara, eleito pelos vereadores para um mandato de 2 (dois) anos, é o terceiro nome na hierarquia do Poder Executivo Municipal. Quando o prefeito e o vice-prefeito se ausentam ao mesmo tempo, é ele quem assume o cargo de prefeito.



Prédio da Câmara de vereadores de Imperatriz
Foto: Daniel Sena

PODER JUDICIÁRIO

Este poder, diferente do Executivo e do Legislativo, não tem os seus integrantes eleitos pelo voto do povo, mas, admitidos através de concurso público. Tem a função de interpretar e aplicar as leis, julgando pautas de interesses públicos e individuais, inclusive causas do Executivo e do Legislativo, com imparcialidade, de acordo com a Constituição.



Fórum Henrique de La Roque
Foto: Daniel Sena

O Judiciário é considerado independente com relação aos outros poderes, tanto administrativamente, quanto com relação aos recursos. Não existe esse poder na esfera do município, mas o Tribunal de Contas, que funciona nas esferas federal, estadual e municipal, fiscaliza os gastos públicos da União, dos estados e dos municípios. Caso haja irregularidades, serão aplicadas medidas de correção.



Fonte: IMPERATRIZ (2020)

Imagem 2: Livro de didático dos anos finais



Prédio da UEMASUL, campus de Imperatriz
Foto: Daniel Sena

Além da UAB, o ensino superior público, em Imperatriz, dá-se através das seguintes IES:

- * Universidade Estadual do Maranhão do Sul - UEMASUL, com 15 (quinze) cursos de graduação (licenciatura e bacharelado), vários de especialização e 2 (dois), de mestrado;

- * Campus da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, com 9 (nove) cursos de graduação (licenciatura e bacharelado), vários de especialização, 4 (quatro), de mestrado e 1 (um) de doutorado

- * Instituto Federal do Maranhão - IFMA, com 8 (oito) cursos técnicos, e 3 (três) cursos de graduação (licenciatura e bacharelado).

Além desses, mais de uma dezena de institutos de educação superior que, juntos, oferecem mais de 60 (sessenta) cursos de graduação e dezenas de cursos de pós graduação, em nível de especialização, mestrado e doutorado.



Fonte: IMPERATRIZ (2020)



Todavia elas não podem apenas ser inseridas de qualquer jeito, é relevante que os alunos sejam capazes de tirar informações dessas fotografias, ou seja, eles precisam ser inseridos a uma alfabetização visual, dessa forma:

O desafio do professor é auxiliar os alunos a perceberem que a imagem fotográfica é obra pensada e elaborada pelo fotógrafo, que a compõe a partir de suas referências pessoais, profissionais, sociais, culturais e quando são fotografias sob encomenda as compõem visando o objetivo de quem o contratou muito mais amplo do que a mera operação técnica do aparelho e que será recebida pelo discente que também carrega sua própria bagagem cultural. (ARANA, KASHIWAGI, p. 8-9, 2016)

Tendo essas questões claras ele poderá analisar, compreender o que as fotos de seus espaços dizem sobre sua cidade, família etc, ele criando suas imagens, se colocou também como cidadão formado de história e agente de transformação de seus ambientes, eles não serão apenas alunos na sala de aula, mas se sentiram parte da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino dos espaços da geografia é de extrema importância para o aluno, pois é posto pela BNCC, desde o ensino da vida acadêmica, apesar de sua complexidade, é necessário que o educando conheça onde vive, e seja desenvolvido nele um sentimento de pertencimento, e assim afirmando sua identidade e cidadania. O estudo das transformações desses espaços pode ser feito de várias formas, mas o presente trabalho sugere a fotografia, pois faz parte do meio da vivência dos alunos, sendo importante que eles aprendam a fazer leituras críticas delas, e também por poder interagir toda a família nessa atividade ao conduzir os discentes a conversar com os pais sobre histórias e fotos antigas e da cidade, fazendo da foto não apenas um meio decorativo, mas uma expressão de sentimentos e um documento histórico. Além de que é papel da escola formar seus alunos para o mundo que os espera, e este mundo cada vez mais tecnológico e cheio de fotos e imagem, exige deles uma leitura de mundo não apenas das palavras escritas e oralizadas, mas também das que estão em uma foto, pintura, outdoor etc.

O professor também pode levá-los aos centros históricos da cidade, para que eles façam seus próprios registros da história, fazendo comparações e percebidas por eles as mudanças, essa é uma ideia, mas a fotografia e a geografia podem se relacionar em outros formatos, já que é um campo muito amplo para pesquisas, esta pesquisa a princípio foi em formato bibliográfico, porém fica a sugestão para que possa ser continuada em um formato de relato de experiência, colocando esse conhecimento teórico em prática, pois ao pôr em ação outras coisas devem ser consideradas, como o contexto da escola e dos seus alunos, se a recursos



ou não, está pesquisa é apenas o início daquilo que pode ser um grande tesouro para professores e alunos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela oportunidade de está publicando esse artigo, só Ele sabe as noite perdidas de sono para que a ideia vinhesse a gnhar corpo. Também a gradeço a minha Mãe Regina e ao meu irmão Ronald, por todo apoio que me proporcina a seguir os meus sonhos. Agradeço a minha professora Ozianne por ter me acompanhado nessa empreitada e a minha turma que sem saber tem me ajudado a ser uma estudante e uma futura professora melhor.

REFERÊNCIAS

ARANA, Aline; KASHIWAGI, Helena Midori. O uso de arte no ensino de Geografia: uma proposta de ensino inovador. **PARANÁ. Os desafios da escola pública paranense na perspectiva do professor PDE**. Paraná: Ed. UENP, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMPANHOLI, Julie AM. **Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente**. *Revista Primus Vitam*, v. 16, 2014.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. *Cadernos Cedes*, v. 25, p. 227-247, 2005.

CALLAI, Helena Copetti. **O ensino de geografia: recortes espaciais para análise**. *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*, v. 4, p. 57-63, 1998.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da educação**. ed. 21, Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SANTOS, Evane et al. **Imperatriz Cidade da gente: história e geografia, estudos regionais, ensino fundamental II, anos finais**. Fortaleza, CE: Didática Editora, 2020.

RODRIGUES, Jean Carlos. **Ensino de Geografia: origens e perspectivas**. *GEOGRAFIA (Londrina)*, v. 9, n. 2, p. 137-142, 2000.

PAULO, Freire. **Pedagogia do Oprimido**. ed 71, Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
